

# Recepção da Grã-Cruz da Ordem de Santiago\*

*Cleonice Berardinelli*

Exmo. Senhor Primeiro Ministro de Portugal, Engenheiro José Sócrates  
Exma. Senhora Ministra da Cultura de Portugal

Prof<sup>a</sup> Doutora Isabel Pires de Lima

Exmos. Senhores Ministros

Exmo. Senhor Embaixador Francisco Seixas da Costa

Exmo. Senhor Cônsul Geral de Portugal Doutor António Almeida Lima

Exma. Senhora Dra. Simoneta Luz Afonso,  
presidente do Instituto Camões

Exmo. Senhor Dr. Emílio Rui Vilar, presidente da Fundação Calouste  
Gulbenkian

Senhor Doutor Marcos Vilaça, Presidente da Academia  
Brasileira de Letras

Senhor Dr. António Gomes da Costa,  
Presidente do Real Gabinete Português de Leitura

Demais Autoridades Presentes

Senhoras e Senhores

Queridos Colegas e Alunos

Pela terceira vez sou agraciada pelo Governo Português com uma condecoração: a primeira, recebida em 1966 – há quase exatos 40 anos – das mãos do Embaixador de Portugal, Dr. João de Deus Ramos, era a Comenda do Infante D. Henrique, um vulto histórico desde sempre por mim admirado e por Fernando Pessoa definido como “semente do império”, sagrado por Deus para uma missão especial: “Sagrou-te e foste desvendando a espuma, / [...] // E viu-se a terra inteira, de repente, / Surgir, redonda, do azul profundo.” Naquele momento especial e inesquecível, eu perguntava ao Senhor Embaixador se podia avaliar a emoção com que a recebia. Dizia-lhe:

Emoção feliz, emoção orgulhosa que levemente me embriaga e faz crer que mereço a honra que me concedeis.

---

\* A comenda foi outorgada à Professora Cleonice Berardinelli pelo Primeiro Ministro de Portugal, por ocasião de sua visita ao Real Gabinete, no dia 11 de agosto de 2006.

E se na verdade a merecesse?

E, pedindo-lhe perdão pela franqueza, continuei:

Não por altos dotes intelectuais, que não possuo, mas por uma longa e terna devoção às coisas de Portugal; por vinte e dois anos de magistério ininterrupto de Literatura Portuguesa, ensinando a amar uma cultura em que a nossa deita raízes e cujo passado nos é comum, ajudando os jovens a descobrir a beleza dos velhos autores e a penetrar a mensagem dos autores novos, formando uma já numerosa legião de mestres de literatura que se contagiaram de um entusiasmo que o tempo não consegue arrefecer. Como mulher que sou, ponho muito de coração em tudo quanto faço e é por ele que me torno credora do prêmio com que sobejamente me compensais todo o esforço de uma vida.

Relendo-me hoje, sorrio da minha autoavaliação do tempo que dedicara ao magistério de Literatura Portuguesa: vinte e dois anos de devoção às coisas de Portugal que me faziam talvez merecedora do prêmio dado por todo o esforço de uma vida. Eu tinha então 50 anos.

Em 1992, num Congresso Internacional da Faculdade de Letras, de que me faziam patrona os colegas – ex-alunos quase todos, ainda alunos, alguns –, recebo a segunda condecoração: a Comenda da Ordem de Santiago e da Espada, entregue pelo Cônsul-Geral de Portugal, Dr. José Guilherme Sticchini Vilela, com generosas palavras que não esquecerei.

Agradecendo, por seu intermédio, ao Governo de Portugal o galardão com que me honrava, lembrei o que recebera 26 anos antes, e o agradecimento que fizera ao Embaixador, mencionando os 22 anos de devoção aos estudos portugueses, que àquela altura já eram 48, mais que o dobro do que lá eu considerara um longo período, uma vida. E dizia:

Acho que hoje posso repetir o que lá disse, mais que dobrando o tempo de serviço. E sublinho a palavra serviço, recobrando-lhe o duplo sentido que tinha na lírica trovadoresca: além do que até hoje permanece, de encargo, trabalho, o que se poderia incluir nas Leys d'amor – de corte, preito amoroso. O serviço à amada era o próprio amor em ação. Assim tem sido o meu serviço à cultura de Portugal e, mais estritamente, à Literatura Portuguesa. Sirvo como Jacó a Raquel, mas não sete anos, senão sete vezes sete, e, como ele, lamento que seja “para tão longo amor, tão curta vida.” E o prêmio do serviço, agora que chego quase ao fim da viagem, é a dupla homenagem que me prestam, entre os meus, no meu espaço.

Eu tinha, então, 76 anos. “Quase ao fim da viagem”, dizia eu. Inda bem que não foi “ao fim”, pois não teria vivido estes outros 14 anos (duas vezes

sete) para receber hoje, das mãos do Senhor Primeiro Ministro de Portugal, Eng. José Sócrates, a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, o grau mais alto dessa Ordem tão antiga que sua origem remonta ao século XII, em Leão, passando a Castela e Portugal, até 1390, quando o papa expediu uma bula de separação definitiva. Em 1789, a ordem passou de militar a ordem do mérito científico, literário e artístico, daí a sua legenda: Ciência, letras e artes que, felizmente, me incluem.

Enquanto ordem militar, cada grau era concedido como prêmio ao bom batalhador da causa justa – a expulsão dos mouros, dizia eu, e acrescentava:

Não há mouros a expulsar, mas a luta continua por toda parte. A boa e a má. A que busca, a ferro e fogo, destruir, separar, humilhar, e a que quer construir, aproximar, elevar, de coração aberto e braços estendidos.

De uma luta assim tenho participado a vida inteira, nas hostes de um grande exército desarmado ou apenas armado do verbo que se faz ação, persuasão, encorajamento, do verbo que é voz no silêncio e luz na escuridão.

Isso eu dizia em 1992. Poderia tê-lo dito agora, quando completo os 90, 62 dos quais de magistério na UFRJ e na PUC-Rio, sempre na docência da Literatura Portuguesa, em que orientei 108 dissertações e teses – e continuo a orientar outras seis. Paralelamente à docência em toda a sua extensão, venho publicando livros – antologias, edições críticas, ensaios – cuja matéria é sempre a história, a literatura, a cultura de Portugal para onde se dirige obsessivamente o meu olhar, olhar crítico, mas, acima de tudo, amoroso. Será este amor, Senhor Primeiro Ministro, patente desde muito, que, reconhecido pelo Governo Português, de que é V. Exa. o lídimo representante, explicará a generosidade que este me tem reiteradamente manifestado, culminando com a outorga da Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada, a que nunca ousaria aspirar, tal o valor que lhe reconheço. É a V. Exa., pois, que apresento os meus mais sinceros agradecimentos por esta condecoração e pelo grande e sadio contentamento que dela me advém.

E permita-me que o exprima com a simples e bela frase que aprendi em Portugal. Bem haja!

\* \* \*